

AS PRÁTICAS DE LEITURA QUE PERPASSAM A FORMAÇÃO DAS TURMAS PROFISSIONALIZANTES DO COLÉGIO ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

JAMILLE ARNAUT BRITO MORAES (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)).

Resumo

Este estudo se propõe a analisar as práticas de leitura dos estudantes das turmas do curso Técnico em Gestão Comercial/ Operações Comerciais (TGC) do Colégio Estadual de Feira de Santana (BA). Em decorrência da minha participação em uma outra pesquisa nesta instituição de ensino, fui instigada a pesquisar sobre o perfil desses leitores em específico, justamente por sua natureza peculiar, pois são turmas que aliam o Ensino Médio ao Profissionalizante. Em virtude desse grupo de discentes apresentarem um currículo voltado para contemplar a formação do Ensino Médio Profissional Técnico, tornou-se pertinente avaliar as práticas de leitura desses sujeitos e, de forma enfática, se os textos literários são trabalhados neste contexto escolar. A fim de traçar tal perfil, os aportes metodológicos utilizados como instrumentos de coleta de dados foram: a aplicação de questionários, realização de entrevistas e de Círculos de Leitura. As abordagens da pesquisa são de natureza quantitativa e qualitativa, de cunho exploratório, na modalidade estudo de caso. Diante dos resultados apontados neste trabalho, pode-se notar que os discentes, em geral, valorizam o ato de ler, bem como se caracterizam como leitores. No entanto, não basta somente esta valorização, é necessária a incorporação das práticas sociais de leitura e escrita pelos próprios leitores.

Palavras-chave:

práticas de leitura, TGC, perfil do leitor.

INTRODUÇÃO

Resultante de um trabalho monográfico, pautado no Projeto "Leitores da escola pública: um estudo de caso no Colégio Estadual de Feira de Santana", a atual pesquisa foi engendrada. De acordo com as atividades concernentes à leitura, desenvolvidas na referida instituição, através do Núcleo de Leitura Multimeios da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foi possível escolher os sujeitos envolvidos nesta investigação: as turmas do curso Técnico em Gestão Comercial/ Operações Comerciais (TGC).

O meu objeto de análise se detém em investigar um perfil específico de leitores. Desde então, percebi que as turmas de TGC constituem um novo público de discentes no cenário escolar e devido à peculiar natureza do curso, no qual há uma relação entre ensino médio e profissionalizante, procurei traçar um perfil do leitor destas classes.

Já que o intuito do presente estudo abrange, especificamente, a análise do perfil dos leitores das turmas de TGC do Colégio Estadual, a fim de alcançar este objetivo foi preciso investigar as práticas sociais de leitura desses discentes, mediante a utilização dos seguintes instrumentos de coleta de dados: questionário, entrevista e círculo de leitura.

A DEMOCRATIZAÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA

Nem todas as pessoas têm acesso em idade regular à escolarização, mas ainda assim podem dominar as práticas sociais de leitura e escrita. Isso ocorre por consequência das ações de ensinar e aprender práticas sociais de leitura e escrita, resultando no denominado letramento. Um indivíduo letrado não é aquele que somente sabe ou preocupa-se em decodificar letras, sons, mas tanto pratica quanto utiliza socialmente a escrita e a leitura. De acordo com Soares (1998), letramento é um estado de quem se envolve com diversos gêneros literários, tipos de leitura, ou seja, é uma condição de quem interage com variadas práticas sociais de leitura e escrita.

Vale ressaltar ainda que a leitura, enquanto prática social escolarizada, precisa ser repensada no âmbito escolar, já que a sociedade não tem acesso, uniformemente, aos materiais escritos, em especial aos mais valorizados socialmente. Sendo assim, a escola precisa abarcar esta heterogeneidade, que tem contato diferenciado com a leitura, para oportunizar aos estudantes (re)conhecê-la e aprofundá-la de forma democratizada.

Entretanto, democratizar não é uma tarefa assumida por muitos grupos, mas somente pelos engajados socialmente em prol da formação de um quadro diferente de leitura no Brasil. Diante das disparidades apresentadas entre leitores quanto à apropriação de livros, devido a condições econômicas distintas, o acesso à leitura sempre foi restrito a uma elite. Esta utilizava a leitura com a finalidade de divertir-se e informar-se, perpetuando, deste modo, a condição de subalternidade educacional de muitos leitores. É possível depreender desta situação, parafraseando Silva (1996) que a população desprivilegiada social e economicamente opta, geralmente, pelos meios de comunicação direta, não somente por ser mais acessível, mas também por dispensar a educação formal para sua recepção.

Certamente, o público que desfruta da leitura é seletivo e formado eminentemente pela classe dominante, a qual se respalda no conhecimento legitimado pela escola. Esta, ao invés de colaborar com o processo de democratização, elege os padrões culturais da elite e corrobora com as desigualdades sociais, já que não permite, em sua grande maioria, a ascensão da classe dominada, que tem "vozes inaudíveis" porque não comunga dos mesmos valores culturais e lingüísticos, sendo, conseqüentemente, marginalizada.

Esse modelo de educação escolar fragiliza a formação do leitor, pois atesta uma recusa do indivíduo à leitura por prazer, imprimindo-lhe o hábito de ler para somente cumprir tarefas e responder questões interpretativas. Esta realidade não é da totalidade de escolas existentes no Brasil, mas existe uma boa representatividade, especialmente da escola pública, neste sentido. O discente precisa ser sujeito ativo e não passivo no seu processo educativo. Destaco nesta pesquisa o processo de constituição do leitor, que precisa eminentemente da participação do sujeito leitor, em desprezo de um mero repetidor de informações do texto que, desconectadas da leitura de mundo, tornam-se vazias de significação.

Depois do exposto, preciso ressaltar que a escola assume, com certeza, relevância na constituição do leitor, inclusive este é seu papel, mas não da forma que vem sendo configurado. Ao leitor cabe somente aceitar os livros elencados pelo professor no início do ano, sem este ao menos conhecer os sujeitos com quem irá trabalhar, restando ao discente submeter-se às exigências escolares hegemônicas, sem liberdade de escolher um livro sequer a ser lido. Como pode se constituir num leitor proficiente se não lhe sobra espaço, ao menos, para escolher uma leitura? A partir de então, o discente limita-se a conhecer as informações básicas solicitadas nas avaliações (os resumos literários são bastante recorridos) e, quiçá um grupo

pequeno de estudantes consegue, em meio a esses obstáculos, deleitar-se no mundo da leitura.

Torna-se evidente que a literatura será desprezada ou antipatizada pelos discentes, gerando o contrário do que se pretendia: repulsão, ao invés de atração. Essa incursão do indivíduo nos textos literários, da forma que vem sendo feita, é malograda, já que o leitor não avança para a condição de sujeito da própria leitura. Esta, inclusive, não funciona se o seu elemento básico inexistente ou encontra-se fragilizado: o leitor. Este precisa emergir de sua condição de passividade diante da leitura, a partir da escolha dos textos que se interessa em ler, favorecendo, assim, o diálogo a ser travado com a escola, no qual deve ser contemplado o conhecimento do discente e suas contribuições à instituição escolar e vice-versa, em favor de uma mão dupla de saberes: a escola não só fala como também escuta o que o é dito pelo estudante.

Muitas vezes, as instituições escolares brasileiras não dispõem de uma biblioteca e as que possuem, geralmente, a utilizam de maneira inapropriada. Exemplo disso é o desinteresse dos estudantes em freqüentar grande parte das bibliotecas escolares, bem como locais impróprios são destinados à leitura, além de renovação de acervo deficiente, constituem descrédito à biblioteca. Esses, dentre tantos outros fatores, sinalizam a utilização inadequada da leitura no ambiente escolar.

Este uso indevido da leitura pode ser contextualizado pela apropriação da literatura de forma equivocada pelo docente. Esta é uma outra configuração da leitura que é disseminada na escola e pretende contribuir, significativamente, por meio da compreensão de textos literários, na constituição do leitor. Contudo, a maneira que é feita a incursão do estudante com esta tipologia textual, torna-se incoerente com o ideal de desenvolvimento de um leitor proficiente, almejado pela instituição escolar.

Ao serem abordados os textos literários, somente são requeridas dos discentes as informações que julga, o professor, ser relevante. Esta abordagem da literatura não é adequada, visto que o mais importante não é localizar em fichas ou situar no texto a reposta que quer escutar, o docente. A culminância do trabalho com o texto literário é analisar o seu sentido de forma ampla e, por isso, não importa tanto a informação veiculada (sem desprestigiar a sua contribuição), mas o que precisa ser enfatizado é a maneira como o texto é construído. Esta característica o diferenciará de outros e para isto, inclusive, se recorre ao uso indiscriminado de figuras de linguagem.

Para além dos que já foram citados, ainda circulam na escola outros tipos de escrito. Entretanto, nesta se categorizam os tipos de leitura e, através da hierarquia constituída, alguns escritos obtêm mais repercussão do que outros. As diferenças que caracterizam as variedades textuais são hierarquizadas, contribuindo, conseqüentemente, para a supremacia de algumas leituras sobre outras. Infelizmente, isto não ocorre somente com a leitura, geralmente as diferenças de um grupo étnico, por exemplo, quando vistas por um grupo distinto, são inferiorizadas, tendo em vista que o grupo que analisa, avalia a sua cultura como a melhor ou superior. Esta foi somente uma ilustração para tornar mais compreensível o desafio de se trabalhar com a diversidade textual nas instituições escolares, o que é bem atestado pelo menosprezo das leituras realizadas fora da classe. Em contraposição, é justamente na escola que o estímulo a variadas leituras deve acontecer. O saber que o discente traz consigo precisa ser entrecruzado com o conhecimento disseminado pela instituição de ensino. Este é o espaço privilegiado de circulação do conhecimento, logo cabe a ele difundir, democratizando, as diversas leituras possíveis.

A apropriação de outros suportes de leitura possibilita o desenvolvimento de diferentes competências, já que as exigências de cada tipologia são distintas. O uso de diversificadas tipologias textuais precisa ser bem compreendido para que não seja associada erroneamente esta diferença com a hierarquia atribuída a suas discrepâncias, como já fora abordado neste estudo. Segundo Abreu (2006), a literatura erudita é uma das tipologias literárias, feita por determinado grupo cultural e assim como o crítico literário faz **uma** leitura e não **a** leitura correta e perfeita do texto, a literatura erudita não é **a** literatura, mas um tipo desta. Sendo assim, o que deve ser evitado é o julgamento de composições pertencentes a diferentes grupos culturais, não contemplando somente as características da produção erudita. "Não há obras boas e ruins em definitivo. O que há são escolhas - e o poder daqueles que as fazem. Literatura não é apenas uma questão de gosto: é uma questão política" (ABREU, 2006: 112).

É preciso romper com este paradigma de cerceamento do leitor e, ao invés disso, ele deve se configurar num sujeito ativo no processo de leitura, permitido-se transitar por diversos textos, sem causar-lhes constrangimentos. Na medida em que são permitidas estas incursões ao leitor, este atenta para as práticas de poder instauradas e tem condições de questionar as imposições providas do abuso de poder, ao mesmo tempo que colabora na democratização deste.

Diante do exposto, é notório que a literatura tem natureza política e, como tal, qualificar um texto como melhor ou pior não envolve tanto o julgamento de suas estruturas lingüísticas, mas o jogo de poder nele embutido.

Justamente por valorizar o trabalho com textos literários na escola, haja vista seu corrente uso ser inadequadamente realizado pelos docentes, o intuito desta pesquisa concerne em possibilitar a apropriação da literatura como um instrumento de valorização dos sujeitos, possibilitando-os discutir a respeito de suas próprias leituras. Esta mudança paradigmática do leitor baseia-se num modelo democrático, que instaura novas formas de compreender o texto. Esta análise textual não deve ser feita mais engessada por um modelo autoritário, uniformizador de sentidos, mas um representativo dos pensamentos e anseios desse sujeito leitor.

Em geral, os docentes, ao abordarem a literatura em sala de aula, desprezam sua natureza polissêmica, instaurando com isso a centralização de uma resposta. Desta forma, a polissemia, característica fundamental da obra literária, é esquecida. Ressalto, contudo, que a proposição de ser intensificada a atividade na escola com textos literários não objetiva categorizar formas de ler ou o que se ler, mas despertar o interesse, bem como o conseqüente prazer oriundo da leitura, tal como apregoa a escola. Desta forma, a partir da utilização da literatura como veículo de inserção no mundo da leitura, não somente possibilita o leitor compreender as especificidades dos textos literários, mas também o impele a ler outros escritos, que perpassam o ambiente escolar, de uma maneira mais crítica e abrangente.

Já que a literatura tem esse caráter transgressor e emancipatório, enfatizo neste trabalho a realização da leitura literária, pois, conforme Lajolo (1994: 106) "É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias".

Através da leitura literária pode-se conquistar o leitor para o mundo da leitura, visto que este tipo de leitura constitui um atalho para o indivíduo adentrar nesse universo. Ao passo que a literatura assume importância na vida do indivíduo, este pode sentir-se agente do ato de ler, pois sua visão de mundo, ao ser entrecruzada

com as idéias do texto, não aponta para uma resposta unidirecional, mas sugere a tomada de vários rumos, em várias direções, para ser explicado o texto literário. Isso ocorre porque, como já fora dito, a característica marcante da literatura é o seu caráter polissêmico, o que favorece a expressão individual, além de instaurar um espaço de constante debate.

ANÁLISE DOS DADOS

De acordo com a problemática levantada pelo presente estudo, traçar as práticas de leitura dos discentes do curso Técnico em Gestão Comercial/ Operações Comerciais (TGC), pretendo por meio deste estabelecer uma relação coerente entre os dados resultantes do desenvolvimento da pesquisa com todas as turmas do ensino profissionalizante do Colégio Estadual de Feira de Santana.

O número total de discentes destas classes se totalizam em 65 (sessenta e cinco), de um universo de 93 estudantes. Esta diferença numérica é resultante de uma realidade muito constante, geralmente, nas escolas públicas brasileiras: evasão. Além dos desistentes, ressalto também que alguns estudantes não estavam presentes no dia da aplicação do questionário, em contrapartida e felizmente, no momento de realização das entrevistas, muitos estavam presentes. Então, apesar de não ter abarcado a totalidade de discentes de todas as turmas de TGC do CEFS, aproximadamente 70 % destes responderam ao questionário, dentre os quais 26 discentes são do 1º ano; 9 são do 2º ano e 18 são do 3º ano matutino; além de 12, que estudam no 3º ano do turno vespertino.

No instrumento questionário são abordadas várias questões concernentes às práticas de leitura, uma vez que abrange questões referentes, especificamente, à frequência com que se lê; os veículos de leitura correntemente utilizados por esses estudantes; os tipos de leitura preferenciais; a importância da leitura para cada um; a quantidade de livros lidos em 2007; indicações bibliográficas de algum livro que o discente gostou de ler; o estímulo da leitura no ambiente escolar, como o estudante avalia o incentivo da escola; as dificuldades enfrentadas no processo de constituição do(a) leitor(a) e uma pergunta básica, que se relaciona com a identificação dos sujeitos como sendo ou não leitores (corresponde a uma auto-avaliação desta condição).

Diante da primeira pergunta contida no questionário, a maioria dos discentes corroboraram com um "sim" ao responderem à questão: - Você se considera um(a) estudante leitor(a)? Aproximadamente 72,5 %, isto é, 47 estudantes de 65, responderam afirmativamente a este questionamento. Para subsidiar esta primeira pergunta, contextualizando seu significado, outras indagações foram feitas com o intuito de refutar ou reafirmar a sua resposta.

Depois do romance, o tipo de leitura adotado com maior frequência foi a História em Quadrinhos (HQ's). Este gênero, entretanto, quase sempre é marginalizado pela escola, que geralmente o traz em forma de fragmentos nos livros didáticos. Há tempos atrás, a leitura de HQ's era feita sorrateiramente pelos estudantes nas escolas, justamente pelo menosprezo destinado a este tipo de produção. Esta preferência assumida pelos estudantes de TGC evidencia uma mudança na estimatização dessas leituras, mas revela muito mais uma postura assumida pelo leitor, que é influenciado pela escola, contudo não é determinado por ela e, portanto, escolhe as leituras que deseja fruir. O fato de o leitor escolher a tipologia textual a ser lida, o gênero de cada texto, é de suma importância para definir seu

gosto literário, partindo do pressuposto que não é um mero agente passivo, mas sim ativo, no seu processo de constituição como leitor.

Além disso, na pesquisa, o elemento de maior destaque no tocante ao estímulo de despertar o leitor é o professor; que vem seguido da família, a qual também apresenta um papel importante na constituição desses leitores; além dos amigos, que vêm logo em seguida e, por fim, é o próprio sujeito ressaltado como o grande influenciador do seu processo de formação como leitor.

Com relação ao estímulo oferecido pela escola e professores deste tipo de prática (de leitura), os estudantes, em sua maioria (em número de 25), concordam que são muito estimulados pela instituição de ensino e professores, especialmente os de Língua Portuguesa. No entanto, um número de 24 estudantes considera que o estímulo da escola precisa melhorar; alguns inclusive neste grupo fazem uma ressalva ao docente da disciplina de português. Além disso, as críticas mais contundentes à instituição escolar relacionam-se ao mau funcionamento da biblioteca e falta de atividades que permitam enfatizar a leitura. Os estudantes ainda demonstraram na pesquisa interesse em frequentar mais a biblioteca escolar, devendo esta ser mais acessível a eles próprios, além disso, solicitam que surjam, no colégio, mais projetos voltados à leitura. Inclusive, alguns estudantes ressaltaram a importância desta pesquisa neste sentido, pois para eles, ela representa uma boa iniciativa no sentido de se discutir sobre e enfatizar a leitura. Para finalizar este quesito, 7 discentes consideram que o estímulo à leitura feito pela escola é regular, enquanto outros estudantes nem responderam a esta questão.

Enfim, um dos últimos quesitos abordados no questionário referiu-se às dificuldades que estes estudantes enfrentaram no seu processo de constituição como leitores. A grande maioria julgou que a maior dificuldade encontrada diz respeito à interpretação. Em seguida, ao lado desse fator, um outro foi elencado: a preguiça. Além desta, a aquisição deficiente de livros também oferece embargos à formação desses leitores.

Levando-se em consideração a primeira dificuldade supracitada (a interpretação), pôde-se perceber que ela está presente em grande parte dos sujeitos da pesquisa, já que alguns destes não responderam a algumas questões apresentadas no questionário da maneira como foi solicitada, destarte, parecia que outra pergunta estava ali. Assim como também alguns estudantes deixaram de responder a algumas questões, que pode ter sido pelo fator preguiça ou por não terem compreendido o enunciado da questão, mesmo com a explicação dada durante a aplicação destes questionários sobre cada proposição.

Conforme a discente Ana Paula Amaral de Jesus, do 3º ano matutino do TGC, uma das entrevistadas na pesquisa, os gêneros literários que lhe despertam maior interesse são os textos literários, declaração que se equipara à do entrevistado Maurício. Para ela, a importância que a leitura assume em sua vida foi assim descrita em sua entrevista:

Bom, a leitura tem muita importância em minha vida a partir da minha alfabetização, né, que eu comecei a ler, as professoras começaram a introduzir realmente a leitura real, enfim, começou nas fábulas e agora já parte pros textos literários. Ela tem muita importância, além de melhorar a interpretação. A leitura, principalmente literária, colabora muito pra o comportamento do aluno.

Um outro dado importante obtido na pesquisa é que estes discentes valorizam o ato de ler, os quais são influenciados eminentemente pelos docentes, seguidos pela

família, no entanto, somente reconhecer esta importância não é suficiente, pois necessário se faz incorporar práticas consistentes para contribuir na formação de um leitor crítico e reflexivo.

Além dos dados obtidos pelos instrumentos já citados, questionário e entrevista, um outro instrumento foi incorporado na pesquisa: os círculos de leitura. Foram realizados 3 círculos, nos quais foi discutido o texto "Natal na barca" de Lygia Fagundes Telles e duas turmas foram unidas num só encontro, já que o número de alunos presentes foi reduzido. Nestes círculos foram discutidas algumas interpretações sobre o texto, além de serem respondidas algumas questões específicas do texto, que necessitavam de uma leitura mais atenta.

Destarte, a pesquisa revela dados importantes: primeiro, os discentes valorizam a leitura; segundo, mesmo os estudantes considerando-se leitores, em sua maioria, o que foi ratificado pelo pronunciamento dos entrevistados, o ato de ler ainda não se traduz em efetiva prática, pois se de fato tivessem incorporado as práticas de leitura, não haveria dificuldade na interpretação dos enunciados propostos no questionário. Com isso, acabo generalizando, mas é necessário explicitar que existem exceções, ou seja, alguns estudantes conseguem, todo o tempo, ser coerentes com o que afirma em todo o questionário, contudo, ainda existem muitas contradições.

Logo, não somente deve ser observado o que se lê, mas também como se lê (as estratégias utilizadas) e por que se lê. Essas determinantes irão sinalizar se se correspondem às demandas exigidas por uma sociedade letrada. Sendo assim, estes estudantes do TGC são alunos leitores, que valorizam o ato de ler, mas que ainda precisam incorporar as práticas sociais de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da pesquisa se deve à constatação de um perfil de leitores distintos, os quais, em contrapartida, se aproximam à medida que, como foi revelado pela pesquisa, são classificados como leitores. Contudo, os processos de amadurecimento desses leitores são diferentes, o que é compreensível, pois o caminho trilhado por cada pessoa, em sua trajetória de leitura, é peculiar e não pressupõe uma linearidade nem uniformidade entre os indivíduos.

Mas diante de todos os resultados aqui apontados, é com imensa satisfação que esses leitores são apresentados nesta pesquisa, pois não pretendo com estes dados rotular esses estudantes, ao contrário, espero que, a partir desta constatação, uma nova postura diante da leitura seja assumida: a de apropriação desta.

Apesar do reconhecimento da importância do hábito da leitura, essencial é desenvolver o gosto por ela. Esta promoção para um leitor mais competente, carece ser permeada por práticas que viabilizem essa mudança, logo, necessita de repertórios diversificados de textos, que permitam ao sujeito a apropriação das práticas sociais de leitura e escrita. A leitura é um passaporte para esta mudança.

Enfim, não satisfaz apenas para esta pesquisa constatar esses dados, mas produzir um perfil do leitor diferente, desembocando numa condição produtiva de leitura. Para tanto, foram realizados os círculos de leitura, mesmo que de forma incipiente, com a finalidade de despertar o prazer de ler e o desfrute desta importante ferramenta para a compreensão do mundo, que é a leitura.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BRANCO, Antônio. Da "leitura literária escolar" à "leitura escolar de/da literatura": poder e participação. In: SANTOS, Maria A. P.S. de. (org.). *et al. Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 85-110.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, R.; ARIÉS, P. (org). *História da Vida Privada: Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1991, p. 113-161.

LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1994.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

PAULINO, Maria das Graças R. Algumas especificidades da leitura literária. In: SANTOS, Maria A. P.S. de. (org.). *et al. Leituras literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. p. 55-68.

RANGEL, Jurema N. M. *Leitura na escola: espaço para gostar de ler*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, Magda. *Letramento, um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1998.

WALTY, Ivete L. C. Leitura literária em tempos de crise. In: SANTOS, Maria A. P.S. de. (org.). *Democratizando a leitura*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004. p.189-197.